



ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

CB
HA

ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

Realização



Organização



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

 **UFU** Universidade
Federal de
Uberlândia



UFPEL



UFRRJ UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO


CEFET/RJ

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte – Fundado em 1972

Presidente de Honra (in memoriam) – Walter Zanini

Diretoria (2020-2022)

Presidente – Marco Antônio Pasqualini de Andrade (UFU)

Vice-presidente – Neiva Bohns (UFPEL)

Secretária – Rogéria de Ipanema (UFRJ)

Tesoureiro – Arthur Valle (UFRRJ)

Conselho Deliberativo do CBHA (2020 – 2022)

Almerinda da Silva Lopes (UFES)

Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (UnB)

Luiz Alberto Freire

Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP)

Marize Malta (UFRJ)

41º Colóquio do CBHA (2021): Arte em Tempos Sombrios

Comissão Organizadora

Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA) (presidente)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA)

Marize Malta (UFRJ/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

Sandra Makowiecky (UDESC/CBHA)

Comitê Científico

Almerinda Lopes (UFES/ CBHA)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA) Bianca Knaak (UFRGS/ CBHA)

Blanca Brites (UFRGS/CBHA)

Camila Dazzi (CEFET-RJ/ CBHA)

Fernanda Pequeno (UERJ/ CBHA)

Fernanda Pitta (Pinacoteca-SP/ CBHA)

Marco Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)

Maria do Carmo de Freitas Veneroso (UFMG/CBHA)

Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/ CBHA)

Marília Andrés Ribeiro (UFMG/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Niura A. Legramante Ribeiro (UFRGS/ CBHA)

Paulo César Ribeiro Gomes (UFRGS/ CBHA)

Raquel Quinet Pifano (UFJF/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/ CBHA)

Vera Pugliese (UnB/ CBHA)

Imagem da capa

Lydio Bandeira de Mello (1929 -), *Sem título*, 2019. Carvão crayon e pastel seco, 75 x 55 cm; Foto: Rafael Bteshe

Diagramação

Vasto Art

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (41: 2021)

Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em tempos sombrios

– Evento online - 23-27 nov. 2021. (Organizadores: Marco Pasqualini, Neiva Bohns, Rogéria de Ipanema, Arthur Valle). São Paulo: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2022 [2021].

1371 p : 21X37 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.41>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 41o. Colóquio do CBHA.

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte

CDD: 709.81

Aniconismo revisitado: os Neopentecostais e a destruição de imagens católicas

Clara Habib De Salles Abreu, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

<https://orcid.org/0000-0003-0576-0968>

e-mail: clara.habib.hca@gmail.com

Resumo

O artigo em questão busca questionar as motivações profundas para os recentes ataques iconoclastas dos Neopentecostais contra imagens católicas. Com frequência, testemunhamos o princípio do aniconismo, fundamentado pelo Segundo Mandamento, sendo utilizado como justificativa para a destruição de imagens católicas, principalmente de Nossa Senhora Aparecida. As motivações mais profundas para tais ataques, entretanto, vão desde o medo do "poder da imagem", passando por uma lógica de disputa de mercado até uma intolerância religiosa motivada por racismo.

Palavras-chave: Iconoclastia. Neopentecostalismo. Aniconismo.

Abstract

This paper looks for the deeper motivations for the recent iconoclastic attacks by Neo-Pentecostals against Catholic images. We often witness the principle of aniconism, which is based on the Second Commandment, being used as a justification for the destruction of Catholic images, mainly of Our Lady of Aparecida. The deeper motivations for such attacks, however, range from fear of the "power of image" to racism-motivated religious intolerance, including market competition.

Keywords: Iconoclasm. Neo-Pentecostalism. Aniconism.

Em agosto de 2021, duas capelas da cidade de Itatim na Bahia foram invadidas e tiveram suas imagens destruídas. Segundo o padre que administrava as capelas, a destruição foi cometida por um homem que carregava uma bíblia nas mãos, questionava a fé dos católicos e repetia incessantemente a expressão "*santo não fala*"¹. Mas em primeiro lugar, nos perguntamos: como e por que a imagem de um santo falaria? É consenso entre a maioria das pessoas que uma imagem inanimada não teria a capacidade de falar. Ainda assim, não é de hoje a crença no poder atribuído às imagens e os testemunhos de eventos nos quais imagens ajudaram a vencer batalhas, choraram, sangraram e até mesmo falaram.

A hagiografia de São Francisco de Assis, por exemplo, nos conta que o jovem Francisco, em meio a uma crise espiritual, foi buscar conforto dentro de uma igreja praticamente em ruínas em sua cidade natal. Ao se prostrar diante do crucifixo da Igreja de São Damião e começar a orar, a imagem teria milagrosamente interagido com Francisco e falado com ele, o chamando para reformar a sua Igreja. Mesmo que tais experiências visionárias e a religiosidade popular nos fornecessem ao longo dos séculos eventos nos quais atestamos a atribuição de grande poder às imagens, a ortodoxia católica sempre fez um enorme esforço para estabelecer as diretrizes do culto às imagens, deixando claro que o poder não estaria nelas mesmas, mas sim nos seus protótipos.

No cisma religioso que afetou a Europa do século XVI, tais embates se acirraram e os reformistas se opuseram a qualquer tipo de abordagem milagrosa no culto das imagens. O culto às imagens encontrou um dos seus mais ferrenhos opositores em Calvino. De acordo com Calvino, não seria lícito representar Deus nem as coisas divinas, pois, além de não serem permitidas pelas Escrituras, como analisaremos adiante, as imagens desfigurariam a glória divina e falseariam a verdade. Além de ter condenado a fábrica da arte sacra em si, Calvino ainda denunciou abusos cometidos pelos artistas, por exemplo, quando criticou o modo pelo qual os pintores representavam os trajes de Maria: "*E assim é: as prostitutas se vestem com mais modéstia em [trajes] carmesins do que a Virgem nas imagens dos templos dos Papistas.*"²

A questão mais grave, segundo o discurso de Calvino, era a percepção de que a representação de caráter sacro estimularia nos fiéis a superstição e a idolatria. Para Calvino, as imagens eram coisas frívolas que necessariamente levavam à superstição e, pior, à idolatria, visto que a honra que os católicos destinavam a elas só poderia ser destinada a Jesus Cristo.

No entanto, Calvino não se opunha a todos os tipos de imagem, visto que considerava as artes como dons de Deus. De acordo com ele, seria permitido representar somente as coisas do mundo humano.

¹ Capela cenário do filme 'Central do Brasil' é vandalizada em ato de intolerância religiosa na Bahia. G1, Bahia, 20 de ago. de 2021. Disponível em < <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2021/08/20/capela-cenario-do-filme-central-do-brasil-e-vandalizada-em-ato-de-intolerancia-religiosa-na-bahia.ghtml> > Acesso em: 22 de jan. de 2022.

² CALVINO, J. Por que não é lícito atribuir a Deus qualquer figura visível, e por que todos os que recorrem a imagens se revoltam contra o verdadeiro Deus. In: LICHTENSTEIN, J. A Pintura: Textos essenciais, vol. 2 A Teologia da Imagem e o Estatuto da Pintura. São Paulo: Ed. 34, 2004, p. 60.

Conclui-se, portanto, que se pode pintar ou entalhar apenas as coisas que se veem com os olhos, a fim de que a majestade de Deus, que é por demais elevada para a visão humana, não seja corrompida por fantasmas que não lhe convêm de maneira alguma. Quanto ao que é lícito pintar ou entalhar, existem as histórias, para que possam ser recordadas, ou ainda, figuras, animais, cidades, países. [...] E, entretanto, é notório que quase todas as imagens existentes no papado são assim [deleitosas], pelo que é fácil notar que elas se dirigem não ao juízo tranquilo e refletido, mas a uma tola e desarrazoada cobiça. Por hora nada direi sobre quão despropositadas elas são, sobre os absurdos que nelas se veem e a licença com que os pintores e entalhadores fazem gracejos ridículos [...]³

Assim, nas regiões protestantes da Europa, de modo geral, os artistas passaram a investir mais em outros gêneros como o retrato, as cenas de gênero e as naturezas-mortas. Além das já citadas mudanças temáticas, a Reforma Protestante também desencadeou mudanças no mercado de arte. Os pintores perderam um dos seus maiores mecenas, a Igreja, e tiveram que comercializar seu trabalho. Se antes os artistas recebiam uma encomenda e fabricavam a obra, a partir da Reforma, na maioria das vezes, eles fabricavam a obra e depois a colocavam à venda. Exceto pelos retratistas, geralmente empregados das cortes monárquicas.

Para além das mudanças na temática das obras e no mercado de arte, a história testemunhou uma série de surtos iconoclastas principalmente nas regiões que se tornaram calvinistas. Nos Países Baixos, por exemplo, a fúria dos iconoclastas foi responsável pela destruição de inúmeras imagens católicas no evento conhecido como *Beeldenstorm*, termo que podemos traduzir como "chuva de estátuas". Em menor escala, a iconoclastia protestante acontece até hoje, mas o protestantismo contemporâneo possui versões muito diferentes do protestantismo histórico.

Das 95 teses de Lutero até os dias atuais, o que entendemos como "Protestantismo" passou por diversas transformações e ganhou inúmeras correntes. Dentre estas correntes está o Neopentecostalismo, que faz parte da terceira onda do Pentecostalismo que teve ênfase no Brasil a partir da década de 1970 e cujo maior expoente atualmente é a Igreja Universal do Reino de Deus. O principal mote do Neopentecostalismo é a guerra espiritual contra o mal, personificado, principalmente, através da figura do Diabo. Dentre outras características marcantes está o fato de o Neopentecostalismo ser menos ascético e sectário do que outras correntes protestantes, se organizando a partir de uma lógica empresarial que visa o lucro econômico e aceitando, por exemplo, práticas

³ CALVINO, J. op. cit. In: LICHTENSTEIN, Jacqueline. op. cit. p. 63.

consideradas "místicas" como a cura através dos dons do Espírito Santo e despossessão demoníaca.

Na guerra contra o mal, muitas vezes, outras religiões com suas práticas e imagens são consideradas pelas novas correntes do Protestantismo como o próprio inimigo a ser combatido e a iconoclastia frequentemente praticada por seus representantes funciona como uma arma nesta batalha. De modo geral, vemos ataques iconoclastas direcionados a templos e imagens do Catolicismo e de religiões de matriz africana como a Umbanda e o Candomblé.

Um ataque contra uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, cometido pelo pastor da Igreja Universal Sérgio Von Helder, em rede nacional pode ser considerado como um evento marcante em termos de iconoclastia protestante contemporânea no Brasil. No dia 12 de outubro de 1995, em seu programa "Despertar da Fé", transmitido ao vivo pela Rede Record, Von Helder deu chutes na imagem enquanto criticava seu alto valor econômico e proclamava a sua inutilidade.

[...] nós estamos mostrando às pessoas que isso aqui não funciona, isso aqui não é santo coisa nenhuma [...] 500 reais - 5 salários mínimos - custa no supermercado essa imagem, e tem gente que compra! Agora se você quiser uma santa mais barata, você encontra até por 100 [...]. Será que Deus, o Criador do universo, pode ser comparado a um boneco desse, tão feio, tão horrível, tão desgraçado?⁴

O evento causou um escândalo midiático, além de um processo criminal e um afastamento de Von Helder para os Estados Unidos. Apesar de menos impactantes, eventos similares nunca cessaram de acontecer e têm ganhado cada vez mais destaque nos últimos anos.

Em janeiro de 2017, por exemplo, a pastora Zélia da Igreja Nova Aliança de Botucatu foi filmada destruindo uma imagem de Nossa Senhora Aparecida bem aos moldes de Von Helder. Enquanto ela martelava a imagem da santa, um grupo de fiéis orava proferindo aleluias e versos como: "*Senhor Jesus querido ó pai amado, eu não aceito outro Deus a não ser o senhor*"⁵ e

[...] quebra toda obra contrária. Ó glória. [...] Essa obra, senhor, que foi feita pelas mãos do inimigo senhor, agora está sendo quebrada senhor meu Deus e meu pai, em nome de Jesus. Que o seu nome, senhor, vai ser honrado e glorificado. [...] Toda honra e toda Glória seja dada a ti senhor. [...] Está quebrada em nome de Jesus. Aleluia.⁶

⁴ Dia 12/10/1995 o Chute na santa - um chute no estômago. YouTube, 12 de out. de 2016. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=QiNJ8mQU6g8&t=60s>> Acesso em: 22 de jan. de 2022.

⁵ Vídeo de Pastora quebrando imagem de Nossa Senhora em Botucatu causa polêmica. YouTube, 11 de jan. de 2017. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=U7nbDhbLacs>> Acesso em: 22 de jan. de 2022.

⁶ Idem.

Em entrevista para um veículo de comunicação local, a pastora Zélia afirmou ter quebrado a imagem "em nome de Jesus" por ser seguidora da "Palavra". Com uma bíblia nas mãos, ela citou livremente uma passagem retirada do Livro do Êxodo. Segundo Zélia,

Como seguidora da palavra eu tenho que honrar a palavra do meu Deus. [...] E ele diz no livro né, que nós não devemos fazer para nós nem imagens de fundição e nem adorá-las. Então eu não adoro [...]. [...] eu prego que eu não adoro a idolatria.⁷

De maneira semelhante, em abril de 2021, o Pastor Miguel Moreira do município de Santo Antônio da Platina no Paraná quebrou e queimou uma imagem de Nossa Senhora Aparecida enquanto proferia as seguintes palavras

Isto aqui não é benção na casa de ninguém [...] queimamos no nome de Jesus este espírito que estava destruindo a família deste irmão que estava sofrendo, o espírito das trevas, o espírito da maldição. Nós não aceitamos está queimado, destruído no nome de Jesus.⁸

É importante observar que na fala do pastor, imagem e protótipo se confundem, e, deste modo, ele atribui um poder (no caso maligno) àquela imagem, fenômeno que iremos analisar posteriormente a partir das teorias de Bredekamp e Freedberg.

Notícias similares se acumulam nos veículos de comunicação, tornando tarefa difícil catalogar os eventos ocorridos nos últimos anos. Percebemos que o princípio do aniconismo está, teoricamente, na raiz de todos esses ataques, uma vez que eles, em uma primeira vista, se justificam pela crença na Lei Mosaica de que não seria permitido representar a Deus e adorar ídolos materiais. Retornemos então às sagradas escrituras para entender melhor o princípio do aniconismo e como ele marcou as três grandes religiões monoteístas, inclusive, o Cristianismo.

No que diz respeito à imagem, as grandes religiões abraâmicas monoteístas (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo) tinham como base inicial a ideia, fundamentada principalmente pelo Segundo Mandamento recebido por Moisés, de que não se poderia representar plasticamente as coisas divinas. O maior destes tabus se encontrava na possibilidade de representar o próprio Deus, pois ele seria único, invisível e incircunscrito. Tal postura em relação às imagens pode ser denominada como "aniconismo".

⁷ Pastora que quebrou imagem de santa pede desculpas. YouTube, 12 de jan. de 2017. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=anlFxPzpOg8> > Acesso em: 22 de jan. de 2022.

⁸ Pastor quebra imagem de Nossa Senhora em ritual e queima cacos. Redação RIC Mais, 2 de abr. de 2021. Disponível em < <https://ricmais.com.br/seguranca/pastor-quebra-imagem-de-nossa-senhora-em-ritual-e-queima-cacos> > Acesso em: 22 de jan. de 2022.

Não farás para ti imagem esculpida de nada que se assemelhe ao que existe lá em cima nos céus, ou embaixo na terra, ou nas águas que estão debaixo da terra.

Não te prostrarás diante desses deuses e não os servirás, porque eu, lahweh teu Deus, sou um Deus ciumento, que puno a iniquidade dos pais sobre os filhos até a terceira e a quarta geração dos que me odeiam, mas que também ajo com amor até a milésima geração para com aqueles que me amam e guardam os meus mandamentos.⁹

Ironicamente, enquanto Moisés estava no Monte Sinai recebendo os Mandamentos, seu povo construía um novo ídolo a ser adorado. Segundo a narrativa do Êxodo, em resposta à impaciência dos hebreus com a demora de Moisés, o sacerdote Arão recolheu todo o ouro do povo e mandou construir um Bezerro de Ouro¹⁰. Enquanto isso, Moisés, avisado por Deus da infidelidade do seu povo, desce e, então, no clímax da narrativa, quebra as Tábuas da Lei, destrói o Bezerro de Ouro e pune os idólatras.

Podemos dizer que em suas raízes o Cristianismo era uma religião anicônica. Como então, ele teria se tornado, essencialmente, uma religião de imagens? Os teólogos utilizaram o princípio da Encarnação para legitimar a representação de Deus. Cristo encarnou como homem, e sabemos que o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus. Deste modo, podemos por comparação inferir a imagem de Deus. Nesse sentido, as Epístolas de Paulo se tornaram argumentos de grande importância em defesa da imagem.

Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus: Ele, estando na forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado como um deus mas se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte sobre uma cruz.¹¹

Portanto, a partir do momento no qual Deus se circunscreveu na carne passou a ser possível e justificável representá-lo através de uma imagem humana. Tal princípio permitiu que a imagem florescesse no contexto do Cristianismo. Ainda assim, o princípio do aniconismo voltou para assombrar o Cristianismo sempre que se fez necessário, sendo a motivação inicial para a destruição das imagens como aconteceu nas querelas iconoclastas do Império Bizantino, na Reforma Protestante e atualmente através da iconoclastia Neopentecostal.

⁹ ÊXODO (20: 1-6). In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2019, p. 130.

¹⁰ ÊXODO (32: 1-35). In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2019, p. 148-150.

¹¹ FILIPENSES (2:5-8) In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2019, p. 2048-2048.

Para o Neopentecostalismo, a narrativa do Bezerra de Ouro passou a ser exemplar e o Segundo Mandamento se tornou, assim, uma justificativa para combater a idolatria através de posturas iconoclastas diante das imagens de outras religiões. Como podemos ver, um mote comum entre os novos iconoclastas Neopentecostais é o clamor de que estão destruindo imagens "em nome de Deus/Jesus" e que aquelas imagens são desprovidas de poder. Para além do aniconismo, entretanto, percebemos que no âmago da destruição das imagens do "inimigo" encontramos um programa de intolerância religiosa, um medo do que essas imagens poderiam acarretar no contexto da já citada guerra contra o mal, e uma irônica confirmação do seu poder. De outro modo, se os novos iconoclastas religiosos realmente acreditassem que tais imagens são desprovidas de poder, qual seria a razão para destruí-las?

Horst Bredekamp, em seu livro "Teoria do acto icónico"¹², identifica um fenômeno de substituição entre corpo e imagem que aconteceria frequentemente como fundamentação para explicar, dentre outras coisas, a destruição de imagens.

Na substituição, os corpos são tratados como imagens e as imagens como corpos. [...] A recíproca substituição de corpo por imagem encontra-se na origem de processos que vão desde a ilustração do sagrado e da natureza, passando pelo iconoclasmo, até as questões icônicas da política e do direito e, ainda, à guerra das imagens. Na sua vertente tanto produtiva quanto destrutiva, estes processos são mais atuais do que nunca.¹³

A teoria de David Freedberg também endossa tal fenômeno. De acordo com o autor,

Repetidamente, censura e iconoclastia comprovam a ameaça que parece advir do pensamento de que há vida – um corpo vivo – em uma imagem feita de matéria morta. Sua habilidade de se tornar viva – ou de ser vivificada – parece inescapável. Subjacente a todos estes atos é o esforço para silenciar a imagem, para deixar claro que ela não está viva e não voltará a falar, ver ou agir.¹⁴

Sendo assim, seria atribuído um poder à imagem que traria uma contradição ao fenômeno iconoclasta. Ainda segundo Bredekamp, a iconoclastia

[...] reforça o que recusa e rejeita: afirma que as imagens são inanimadas mas, ao aniquilá-las como se de criminosos, traidores ou hereges se tratassem, reconhece-lhes a vida, ainda que para logo de

¹² BREDEKAMP, H. Teoria do acto icónico (trad. A. Mourão). Lisboa: KKYM, 2015.

¹³ Ibid., p. 131.

¹⁴ FREEDBERG, D. O medo da arte: como a censura se torna iconoclastia. Revista Concinnitas, v. 22, n. 42 (2021), p. 31.

seguida a suprimir. Avaliado pelo grau da sua atividade perante a imagem, o iconoclasta revela estar mais influenciado por ela do que aquele que venera as imagens.¹⁵

Deste modo, ironicamente, o iconoclasta ao mesmo tempo destrói e empodera a imagem do inimigo como podemos atestar, por exemplo, a partir da destruição da imagem de Nossa Senhora Aparecida pelo pastor Miguel Moreira citada anteriormente.

Arthur Valle, em seu texto "Religiões Afrobrasileiras, Cultura Visual e Iconoclastia"¹⁶, no qual ele analisa ataques iconoclastas direcionados a imagens de religiões afrobrasileiras, nos relembra outra interpretação do aniconismo que também pode ser aplicada aos ataques iconoclastas direcionados às imagens católicas. Valle aponta a possibilidade de interpretar o Segundo Mandamento através de uma lógica de disputa territorial e cita uma passagem do livro dos Números para fundamentar tal hipótese.

Quando tiverdes atravessado o Jordão, em direção à terra de Canaã, expulsareis de diante de vós os habitantes da terra. Destruireis as suas imagens esculpidas, todas as suas estátuas de metal fundido, e demolireis todos os seus lugares altos. Tomareis posse da terra e nela habitareis, pois vos dei esta terra para a possuídes.¹⁷

Segundo Valle,

Aqui, o Segundo Mandamento deixa de significar a simples proibição da produção de imagens para se tornar um imperativo que legitima "limpar" o mundo das imagens e dos "moradores da terra" que as produziram, e para os quais elas são importantes signos de identidade e de pertencimento ao local.¹⁸

No caso do Neopentecostalismo, marcado por uma dinâmica empresarial que visa o lucro econômico, como citamos anteriormente, esta interpretação do aniconismo e a iconoclastia que lhe é subjacente podem ser consideradas ferramentas utilizadas na disputa por um mercado religioso e na batalha pelo arrebanhamento de fiéis.

Para além destes debates, não é possível deixar de admitir o caráter racista contido em tais destruições. Observamos que no caso da destruição de imagens católicas, as imagens de Nossa Senhora Aparecida são as que sofrem ataques iconoclastas com mais frequência, nos levando a cogitar a possibilidade de tal intolerância religiosa ser fomentada por um racismo estrutural e cultural.

¹⁵ BREDEKAMP, H. Op. Cit., p. 157.

¹⁶ VALLE, A. Religiões Afrobrasileiras, Cultura Visual e Iconoclastia. Revista Concinnitas, v. 21, n. 37 (2020), pp. 140-162.

¹⁷ NÚMEROS (33: 52-53) In: A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2019, p. 252.

¹⁸ VALLE, Op. Cit., p. 161.

Deste modo, constatamos que o princípio do aniconismo vem sendo revisitado pelos Neopentecostais unicamente como uma primeira camada para justificar os atos contemporâneos de iconoclastia contra imagens católicas. Em última instância, tais ataques iconoclastas podem ser entendidos através da combinação de diversas motivações, dentre elas o medo de um suposto inimigo personificado nas imagens do outro, a disputa por fiéis e pelo mercado religioso visando poder e lucro econômico e o racismo estrutural presente em nossa sociedade.

Referências

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2019.

BREDEKAMP, H. Teoria do acto icónico (trad. A. Mourão). Lisboa: KKYM, 2015.

CALVINO, J. Por que não é lícito atribuir a Deus qualquer figura visível, e por que todos os que recorrem a imagens se revoltam contra o verdadeiro Deus. In: LICHTENSTEIN, J. A Pintura: Textos essenciais, vol. 2 A Teologia da Imagem e o Estatuto da Pintura. São Paulo: Ed. 34, 2004

FREEDBERG, D. The power of images. Study in the history and theory of response. Chicago e Londres: University of Chicago, 1991.

FREEDBERG, D. O medo da arte: como a censura se torna iconoclastia. Revista Concinnitas, v. 22, n. 42 (2021), pp. 23-52.

VALLE, A. Religiões Afrobrasileiras, Cultura Visual e Iconoclastia. Revista Concinnitas, v. 21, n. 37 (2020), pp. 140-162.

Como citar:

HABIB DE SALLES ABREU, Clara. Aniconismo revisitado: os Neopentecostais e a destruição de imagens católicas. *Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em Tempos Sombrios*, Evento virtual, CBHA, n. 41, p. 1015-1023, 2022 (2021). ISSN: 2236-0719.
DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.41.082>
Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>